

**MÉTODOS DE TRABALHAR O ALUNO DISLÉXICO DA ESCOLA DE
ENSINO FUNDAMENTAL JOÃO PAULINO DE ARAÚJO**

**METHODS OF WORKING WITH DYSLEXIC STUDENTS AT ESCOLA DE
ENSINO FUNDAMENTAL JOÃO PAULINO DE ARAÚJO**

RESUMO

A dislexia é um transtorno de aprendizagem caracterizada por uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração. A dislexia costuma ser identificada nas salas de aula durante a alfabetização, sendo comum provocar uma defasagem inicial de aprendizado. É um funcionamento inadequado do lobo temporal, responsável pela linguagem lida e escrita. Os lobos temporais estão localizados na zona por cima das orelhas tendo como principal função processar os estímulos auditivos, reconhecimento, identificação e nomeação de objetos. Esse estudo será realizado mediante observações da prática pedagógica de professoras na escola João Paulino de Araújo, onde os dados coletados serão confrontados com dados da pesquisa qualitativa bibliográfica, com as respostas do questionário sob a análise do grupo. Para sua elaboração foram pesquisados bibliografias diversas, publicações, site, revistas, etc. Por ser a dislexia um distúrbio de aprendizagem presente nas escolas e pouco conhecido entre os professores, espera-se que esse estudo contribua para auxiliar a prática educativa, colaborando assim, no processo de inclusão deste aluno no ambiente escolar.

Palavras-chave: Dislexia, Aprendizagem, Distúrbio.

ABSTRACT

Dyslexia is a learning disorder characterized by a difficulty in the area of reading, writing and spelling. Dyslexia is usually identified in classrooms during literacy, and it is common to cause an initial learning gap. It is an improper functioning of the temporal lobe, responsible for the language read and written. The temporal lobes are located in the area above the ears having as main function to process auditory stimuli, recognition, identification and naming of objects. This study will be carried out by observing the pedagogical practice of teachers at the João Paulino de Araújo school, where the collected data will be compared with data from the qualitative bibliographic research, with the answers of the questionnaire under the analysis of the group. For its elaboration diverse bibliographies, publications, website, magazines, etc. were searched. As dyslexia is a learning disorder present in schools and little known among teachers, it is expected that this study will contribute to assist educational practice, thus collaborating in the process of including this student in the school environment.

Keywords: Dyslexia, Learning, Disorder.

Johnnata Luiz Silva Lino
MUST University
johnnataluiz@gmail.com
ORCID: 0000-0002-8637-
0517

Introdução

A dislexia, antigamente era um entrave para educação, visto que comprometia o aprendizado tanto da leitura, quanto da escrita. Pois, as palavras manuscritas ou impressas se tornavam de difícil compreensão e, quanto a leitura do que estava escrito, só acontecia por meio de soletração. As escolas, os gestores e professores descreviam que os alunos que eram considerados inteligentes, não sabiam ler, escrever e muito menos a sua ortografia não estava de acordo com a sua idade (Capovilla, 2015).

O dia a dia como a rotina da escola, as reuniões e planejamentos que os professores juntamente com a equipe pedagógica, tem cada vez mais apresentado a realidade dos alunos que mostram algum déficit na aprendizagem. Isto tem se tornado rotineiro e frequente, pois o problema vem sendo debatido e sempre estar a problemática na leitura e ortografia-escrita.

O presente estudo pauta-se na necessidade de elucidar as problemáticas abordadas, como: porque são tantas formações, debates e discussões sobre os alunos disléxicos e, ainda existem professores com tantas dificuldades em reconhecer o problema? O papel do professor na identificação da dislexia em sala de aula, será exposto a sua significação e seus pontos fortes e as maneiras de melhorar essa dificuldade, ressaltando também a importância do papel do profissional da educação e o diagnóstico para a intervenção durante o processo educativo do disléxico.

O artigo traz como proposta de objetivo geral: investigar o papel do professor na identificação da dislexia no ensino fundamental na escola João Paulino de Araújo. Além de trazer como objetivos específicos os seguintes: conhecer as causas e as consequências da dislexia para a aprendizagem; analisar a ação do professor como mediador na construção da aprendizagem do aluno disléxico conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, verificar como os professores identificam a dislexia em sala de aula.

Com esse intuito optou-se por analisar o ambiente da Escola de Ensino Fundamental João Paulino de Araújo na qual os residentes desenvolvem um projeto, através de um questionário semiestruturado com os professores da instituição.

Abordou-se no primeiro capítulo a História da dislexia e o seu surgimento. Enquanto que no segundo capítulo traz os tipos de dislexia. Através deles identificaremos o nível de dislexia de cada aluno e, se tem ou não tem.

Já no terceiro capítulo, retrata o processo de aprendizagem dos disléxicos. A maneira de como aprendem e, de como ensinam. O último ponto fala-se da importância da formação docente no trabalho com disléxico, levando-se em consideração que o profissional necessita irrefutável de que o profissional venha a se capacitar e, assim desempenhar um trabalho de excelência.

Tal esforço se justifica pela importância do tema, visto que grandes dificuldades são encontradas, principalmente por parte dos professores das séries iniciais que trabalham com alunos que demonstram problemas no processo de leitura e escrita, sendo o maior obstáculo para estes profissionais a busca de alternativas de inclusão destes alunos no ambiente escolar.

Fundamentos teóricos

A dislexia - histórico

Pela primeira vez foi identificada por Berkland em 1881, o termo "dislexia" foi reconhecido em 1887 por Rudolf Berlin, um oftalmologista de Stuttgart, Alemanha. Usou o termo para mostrar um jovem que apresentava grande dificuldade no aprendizado da leitura e escrita, onde ao mesmo tempo em que apresentava habilidades intelectuais normais em todos os outros aspectos.

O físico britânico de Seaford, Inglaterra em 1896 publicou uma descrição de uma desordem específica de aprendizado na leitura no British Medical Journal, intitulado "Congenital Word Blindness". O artigo descreve o caso de um menino de 14 anos de idade que não havia aprendido a ler, demonstrando, contudo, inteligência normal e que realizava todas as atividades comuns de uma criança dessa idade.

Nas décadas de 1890 e início de 1900, James Hinshelwood, oftalmologista escocês, lançou uma série de artigos nos jornais médicos mostrando casos similares, entre eles uma monografia publicada em 1917 sobre Cegueira Verbal Congênita, caracterizada por uma deficiência no processamento verbal dos sons encontrados em pacientes com inteligência normal, porém apresentavam dificuldades para aprender a ler e escrever.

Quem primeiro pesquisou e estudou a dislexia foi Sarnuei T. Orton (apud Farrell, 2014), um neurologista que trabalhou inicialmente em vítimas de traumatismos. Em 1925, ele conheceu o caso de um menino que não conseguia ler e que apresentava sintomas

parecidos aos de algumas vítimas de traumatismo. Com isso, estudou as dificuldades de leitura e chegou à conclusão de que havia uma síndrome não correlacionada a traumatismos neurológicos que provocava a dificuldade no aprendizado da leitura.

Porém, viu-se que a dificuldade em leitura aparentemente não estava correlacionada com dificuldades estritamente visuais. Chegando a afirmar que na infância esses distúrbios estariam relacionados a um defeito no reconhecimento de orientação das letras e de sua sequência nas palavras, visto que a percepção visual e a orientação espacial de sujeitos disléxicos permanecem intactas. Orton acreditava que essa condição era causada por uma falha na laterização do cérebro e, levantou a hipótese de uma inadequada instalação da dominância lateral (teoria formulada por Broca em 1863).

A hipótese referente à especialização dos hemisférios cerebrais de Orton foi motivo de outros estudos póstumos na década de 1980 e 1990, estabelecendo que o lado esquerdo da *pia num temporale*, uma região cerebral associada ao processamento da linguagem é fisicamente maior que a região direita nos cérebros de pessoas não disléxicas. As pessoas disléxicas, essas regiões são simétricas ou mesmo ligeiramente maior no lado direito do cérebro.

Tipos de dislexia

Versões diferem de classificação. Importando assim as subdivisões de acordo com o conceito dos neurólogo, psicólogo ou professor. Basicamente o melhor parecer encontra-se: dislexia adquirida e dislexia do desenvolvimento.

A dislexia do desenvolvimento, também classificada como primária ou específica é conceituada como a inabilidade na aquisição completa da competência de leitura e de origem constitucional. Enquanto que a dislexia adquirida ou sintomática ocorre de acordo com as habilidades de leitura já desempenhadas e, que são perdidas por motivo da lesão cerebral.

A dislexia adquirida se encontra subdivididas em: dislexias periféricas e centrais. Na dislexia periférica, a lesão localiza-se no sistema de análise visual, se tornando difícil a percepção das letras. A dislexia central é retratada pelo comprometimento do sistema de análise visual e, vem sendo alterado em parte de uma das rotas, fonológicas ou lexical ou em ambas (Maluf, 2017).

A dislexia do desenvolvimento, tem várias maneiras de classificação: como o modelo de Dupla Rota, que é extraído de vários outros, principalmente nas áreas de consenso. Por meio deste modelo, foi possível conhecer e classificar as dislexias do desenvolvimento em: Dislexia fonológica ou sublexical, Dislexia lexical ou de superfície e Dislexia Mista.

A dislexia fonológica acontece diariamente problemas no conversor grafema-fonema e/ou em vincular os sons parciais em uma palavra completa. A rota lexical apresenta aceitável funcionamento nesses casos. Encontramos os problemas na leitura de palavras de baixa incidência, sílabas desconexas e pseudopalavras. Enquanto que as palavras familiares são lidas com razoável desempenho.

A dislexia lexical, apresenta dificuldade em operar, usa-se da via lexical. A rota fonológica está relativamente preservada. As dificuldades estão na leitura de palavras irregulares e, com isso a leitura é lenta, vacilante, silabada devido a necessidade de operar pela via fonológica.

A dislexia mista é caracterizada por meio dos problemas e, são focalizados em ambas as vias: fonológica e lexical. Na maioria das vezes são mais graves e, necessitam de maior empenho para atenuar as alterações. Conforme Ianhez (2012, p.26), a dislexia pode ser classificada em:

Dislexia disfonética: dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração (troca de fonemas – sons, grafemas – diferentes, dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado, alterações na ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior dificuldade na escrita do que na leitura, substituições de palavras por sinônimos.

Na dislexia diseidética é originada da dificuldade na percepção visual, além da percepção gestáltica, da análise e da síntese de fonemas (leitura silábica, não consegue a síntese das palavras, a aglutações e fragmentações de palavras também são ruins, troca muito por equivalentes fonéticos, apresenta muita dificuldade para a leitura do que para a escrita).

A Dislexia visual mostra a deficiência na percepção visual e, na coordenação visomotora (não consegue ver cognitivamente o fonema).

A Dislexia auditiva é mostrada na deficiência da percepção auditiva e, na memória auditiva (não consegue a audiabilização cognitivamente do fonema).

A Dislexia mista é caracterizada pela combinação de mais de um tipo. Apresenta as dificuldades na rota fonológica e na rota visual. Os disléxicos apresentam problemas para operar tanto com a rota fonológica quanto com a lexical. Os problemas mais atenuantes exigem um esforço bem maior para conter o comprometimento das vias de acesso ao léxico.

A Dislexia fonológica (sublexical ou disfonética): é representada por uma dificuldade seletiva para operar a rota fonológica durante a leitura, apresentando, além da rota lexical não funcionar com frequência e, os problemas no conversor fonema-grafema e/ou no momento de organizar os sons parciais em uma palavra completa. As dificuldades fundamentais moram na leitura de palavras não-familiares, sílabas sem sentido ou pseudopalavras, mostrando melhor desenvolvimento na leitura de palavras já familiarizadas. Pressupõe a essa via, as dificuldades em tarefas de memória e consciência fonológica persistem (Moojen apud Rotta, 2016).

A dislexia Lexical é a menos agravante, nela a leitura se faz tipicamente pela via fonológica, embora não consiga aceder ao léxico, devido a via lexical se encontrar impossibilitada. A dificuldade mais evidente, vem na leitura das palavras irregulares. Os disléxicos sabem que existem várias formas de ler algumas letras, porém não a utilizam de maneira frequente a leitura.

O processo de aprendizagem dos disléxicos

O processo de aquisição da leitura e da escrita ocorre normalmente dentro e fora da escola. No ambiente familiar e social propicia esse acesso. Diante disso, faz-se necessário o estímulo e a criação de um universo as crianças já tem aquele acesso à o universo construtor. É essencial que distúrbios na aprendizagem sejam identificados precocemente no intuito de evitar o encarecimento de uma aprendizagem constante e produtiva.

A Aquisição da Leitura e da Escrita

O alcançar da decodificação e da escrita perpassa a esfera da escola. Sendo esta, uma organizadora dos processos iniciados primariamente na família e na sociedade inerente ao infante.

A inserção da criança no mundo da linguagem se faz por meio do diálogo, da conversa, seja este no seio familiar na comunidade a que pertence esse ser. De acordo com a citação de Coll e Teberoski (2020 p. 52), diz que: “há muito tempo as pessoas utilizam a palavra para se comunicar”. Os seres humanos começaram a falar por necessidade, pois precisavam se comunicar e, a partir daí inventaram palavras para trocar ideias e desenvolver atitudes.

O tempo foi passando, a linguagem se tornando mais evoluída e mais complexa. As crianças, quando pequenas, aprendem a falar para conseguirem o que desejam e, entram em contato com os objetos e com as pessoas para se comunicarem. A necessidade de compreender o mundo que cerca faz com que elas busquem se apropriar de um vocabulário cada vez maior para dar conta das suas perguntas. Além da aquisição de um vocabulário mais complexo, o diálogo e as conversas são atividades essenciais na vida delas, pois permitem que esta organize seu pensamento, auxiliando-a em seu desenvolvimento cognitivo (Nico, 2014).

Aprender a ler não é um processo totalmente natural. Contrariamente à linguagem oral a leitura não emerge naturalmente da interação com os pais e os outros adultos, por mais estimulante que seja o meio a nível cultural. É preciso ter uma boa consciência fonológica para aprender a ler, pois o conhecimento consciente de que a linguagem é formada por palavras, as palavras por sílabas, às sílabas por fonemas e que os caracteres do alfabeto representam esses fonemas.

O Papel do Professor

Por meio deste envolvimento afetivo, que os educadores se comprometem com o trabalho, com o grupo, com os alunos. Isto os impulsiona à busca de maior aperfeiçoamento, novos caminhos, frente a situações difíceis, pois assumem a real responsabilidade no desenvolvimento integral das crianças e jovens que lhes forem confiados.

Quando eles passam a ser especiais, acontece a mágica da afeição, sentem-se queridos por seus professores e lhes querem bem, não há situação que não tenha uma solução. Os educadores olham os alunos mais difíceis com um desafio a ser conquistado, pois olham as rebeldias e as transgressões dos maiores, como uma forma meio atrapalhada de tentar adaptar-se e, brigar com os valores deste mundo, tão amplo.

A necessidade de encaminhar o aluno para tratamento e colaborar com esse propósito é de suma importância por parte do professor que deseja ajudar seus alunos. O atendimento é gratuito e, muitas vezes sujeito a grande espera e, que o nível econômico da maioria dos disléxicos é precário, não permite tratamento particular. Só através de um trabalho paciente e constante, poderá prestar a ajuda, que a criança tanto necessita. Cabe ao professor recorrer a diversas atividades e técnicas de ensino e, descobrir qual delas melhor se adapta a cada estudante e a cada situação.

O professor precisa explicar à criança o seu óbice, sentar-se ao lado desta, não a pressionar todo tempo e, não estabelecer competições com os outros. Seja flexível quanto ao conteúdo das lições, fazer as críticas construtivas, estimular o aluno a escrever em linhas alternadas (o que permite a leitura da caligrafia imprecisa).

É de muita importância ressaltar, que a manutenção de turmas pequenas, com no máximo 20 alunos, ou menos, é de extrema relevância, para que o professor tenha oportunidade de observar de maneira adequada a todos os educandos, como também dispor de tempo para auxiliá-los.

A importância da formação docente no trabalho com disléxico

Para que a aprendizagem aconteça é indispensável a intervenção do professor, que atua como um protagonista no cenário educativo, favorecendo e orientando o aprender dos alunos. Com os alunos disléxicos a importância do trabalho do mestre é ainda maior, pois ele atuará como orientador do reeducar do educando.

Diagnóstico Precoce

A dislexia era vista como uma incapacidade sem uma base orgânica identificada, sendo apenas visíveis as suas manifestações. Os mitos que a envolviam eram devido ao desconhecimento científico.

A dislexia hoje é definida como uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita.

Inclui-se a dislexia nas perturbações de aprendizagem e adapta a denominação de “Perturbação da Leitura e da Escrita”. Os conhecimentos de hoje, permitem avaliar e

diagnosticar as crianças com dislexia. Há provas específicas para avaliar as diferentes competências que integram o processo leitor (Silva, 2015).

O déficit fonológico subjacente à aprendizagem da leitura permite a identificação dos sinais de alerta e, a consequente intervenção precoce. Sendo a dislexia como uma perturbação da linguagem, que tem na sua origem dificuldades a nível do processamento fonológico pode observar-se algumas manifestações antes do início da aprendizagem da leitura.

Existem alguns sinais que podem indiciar dificuldades futuras. Se esses forem observados e, se persistirem ao longo de vários meses, os pais devem procurar uma avaliação especializada. A intervenção precoce é provavelmente o fator mais importante na recuperação dos leitores disléxicos.

Para Ianhez (2012, p. 93) estes são sinais importantes na idade escolar: Lentidão para a ler e escrever; de acordo com cada dislexia pode ocorrer a troca ortográfica; problema para reconhecer rimas e alterações (fonemas repetidos em uma frase); é Desatento e disperso; o seu desempenho escolar é inferior da média principalmente em matérias específicas que envolve a escrita; bons resultados nas provas orais, do que nas escritas; a coordenação motora fina é ruim (para escrever, desenhar e pintar) e grossa (é descoordenada); Dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro; apresenta dificuldades na lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica) e de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples, sentenças vagas; Têm dificuldade para manusear mapas e dicionários; Esquecimento de palavras; Problema de conduta: retração, timidez, excessiva e depressão.

Além das citadas eles também apresentam um enorme desinteresse ou negação da necessidade de ler; têm Leitura demorada, silabadas e com erros. Esquece tudo o que lê; salta linhas durante a leitura e, a leitura é acompanhada com o dedo; apresenta déficit com desenho geométrico e, em decorar sequências; Desnível entre o que ouve e o que lê. Aproveita o que ouve, mas não o que lê; nos trabalhos de casa demora bastante para realizar; apresenta “picos de aprendizagem”, nuns dias parece assimilar e compreender os conteúdos e noutra, parece ter esquecido o que tinha aprendido anteriormente. Pode evidenciar capacidade acima da média em áreas como: desenho, pintura, música, teatro, esporte, etc;

A dislexia vem se mantendo ao longo da vida, não é um atraso maturativo transitório. É uma perturbação neurológica que necessita de uma intervenção precoce e especializada. A criança pode ter inteligência, audição e visão normais e receberem educação em lares adequados, porém apresentam uma desordem na aquisição da linguagem escrita e oral.

Existem problemas de origem psicológica decorrentes do processo de aquisição da linguagem como: o atraso de desenvolvimento decorrentes de ordem afetiva, entre outros, podem ser confundidos com sintomas relacionados à dislexia, por isso a atenção dos responsáveis pelo processo é muito importante.

Para que as dificuldades sejam sanadas ou amenizadas é necessário que aliados aos estudos, pesquisas existentes, educadores e profissionais da educação diante da realidade em que estão inseridos, procurem através da observação, avaliar sua turma e encaminhar os alunos que apresentarem dificuldades de aprendizagem, a especialistas adequados. Quando um disléxico não é percebido antes de iniciar seus estudos, é função da escola fazer o diagnóstico e encaminhar para atendimento especializado.

Intervenção Pedagógica

O ato de aprender está correlacionado com outra pessoa, ou seja, com alguém que ensina. No início se torna essencial estabelecer um laço de afetividade para que o aprendiz se sinta seguro e estabeleça uma confiança. Para isso, se faz necessário que o educador convença a criança de que ele é uma peça fundamental no seu processo de educação, de maneira que não seja figura do tio por parentesco, mas que é um tio que está ao seu lado a cada dia.

O educador só é chave para o aluno, porque representa uma figura importante. O ponto que estabelece, entre professor e aluno é fundamental tratarmos como transposição referencial para as condições de aprender.

O professor torna-se a figura a quem serão endereçados os Interesses de seus alunos, porque é objeto de uma transferência. E o que se transfere são as experiências vividas, primitivamente, com os pais. Instalada esta, o professor torna-se depositário de algo que pertence ao aluno. Em decorrência disso, o professor adquire importância especial (Freud apud Souza e Martins, 2013).

Muitos professores, aparentemente não transferem um parecer especial, porém, na realidade, marca uma trajetória espetacular intelectual de alguns alunos. O aluno gosta muito de ser o espelho do seu professor. Quando ele demonstra em sua especialidade o amor pelo que faz, torna-se um exemplo para ele, chegando a se definir que quer ser igual a ele quando crescer e, que muitos tomam realmente este rumo para sua vida. A ideia de transferência mostrada como “investimento” e, que a palavra do professor ganhou poder, passando a ser escutada.

Cada professor acaba renunciando a um modelo que ele próprio determinou para sua vida; aceitando às vezes o padrão que lhe confere o aluno; suportando a importância das demandas e, conduzindo seu aluno em direção à superação dessa. Chega a se anular para permitir que esse aprendiz siga seu curso, assim como o fizeram seus pais.

O espaço escolar sistematizado vem, ao longo do tempo, priorizando a dimensão cognitiva em detrimento ao lugar para a instância afetiva no processo de ensino-aprendizagem. Este processo vem contribuindo bastante para que os fenômenos de ensinar e aprender sejam percebidos como processos racionais, onde o educador manipula o cognitivo repetindo informações que devem ser acumuladas e memorizadas pelo educando no seu dia a dia.

Precisamos sempre estar revisando, refletindo e analisando sobre as práticas pedagógicas que a escola tem executado, com o propósito de superar um posicionamento conservadorista, alienante, que muitas vezes leva o educador e a escola, a assumirem um papel diferenciado frente ao educando. Devem ofertar um espaço otimizador nos processos de ensinar e aprender que visualize a importância do vínculo e, do aspecto afetivo, fazendo do educador um ser transformador e desencadeante de tônicas vitais. Esse diferencial é a garantia de um crescimento mútuo do educador e do educando.

As práticas pedagógicas são determinadas por meio de linhas norteadoras que orientam a partir de um modelo social existente, os enfoques teóricos que subsidiam o ensinar e o aprender.

A intervenção na dislexia atualmente tem sido feita principalmente utilizando dois métodos de alfabetização, o multissensorial e o fônico. Enquanto o método multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar, o método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser trabalhado logo no início da alfabetização.

Material e Métodos

A competência para a elaboração de um trabalho científico, é representada por um conjunto de ações e condições imensuráveis, para que se alcance um resultado satisfatório. O conhecimento e o conhecer estão ligados a um processo investigatório. Este é um caminho para a aquisição daqueles. O trabalho científico no campo da pesquisa se dá pela conduta sistemática da observação e/ou levantamento de dados sobre a problemática.

A pesquisa é definida como uma forma de estudo. Este deve ser sistemático e realizado com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovados aos níveis do conhecimento obtido. É produto de uma investigação, cujo objetivo é resolver problemas e solucionar dúvidas, mediante a utilização de procedimentos científicos. A investigação é a composição do ato de estudar, observar e experimentar os fenômenos, colocando de lado a sua compreensão a partir de apreensões superficiais, subjetivas e imediatas (Barros, 2020).

A metodologia adotada na elaboração deste trabalho iniciou com uma abordagem qualitativa sobre a dislexia na escola. Para isso, houve uma criteriosa seleção de literatura para a elaboração da fundamentação teórica, fichamentos e sínteses críticas dos mesmos. Foram coletados também, dados acerca de como os professores das séries iniciais trabalham com o aluno dislético na escola de Ensino Fundamental João Paulino de Araújo, através de uma entrevista semiestruturada e, conseqüentemente, foi feita a análise dos resultados e reflexão acerca dos mesmos.

Para Mattar (2016, p.35), a pesquisa qualitativa é uma ligação indispensável entre a objetividade e subjetividade, sendo difícil de ser traduzidas em números. De acordo com Silva e Menezes (2015, p.20): A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Na concepção de Andrade apud Bauren (2018, p.81), “a pesquisa descritiva preocupasse em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, e o pesquisador não interfere neles”. Através de um estudo de caso de natureza aplicada, o presente trabalho fará análises mediante a utilização documentos, observações e coletas de dados que favoreçam a identificação da pesquisa. Quanto à abordagem adotada foi a

quantitativa, que demanda a utilização de subsídio e técnicas de estatística para traduzir em valor numérico as análises e os conhecimentos produzidos pelo investigador.

Resultados e discussão

Quanto a primeira pergunta foi o seguinte: quais as maiores dificuldades de ensinar um aluno com dislexia? As respostas foram variadas conforme cada entrevistado.

- *Acompanhamento, dedicação e apoio pedagógico (P1);*
- *Carência de recursos didáticos (P2);*
- *O acompanhamento dos pais em prosseguir o trabalho em casa (P3);*
- *Falta de recursos adequados (P4)*
- *Materiais lúdicos para que possa trabalhar com esse aluno para chamar atenção (P5)*

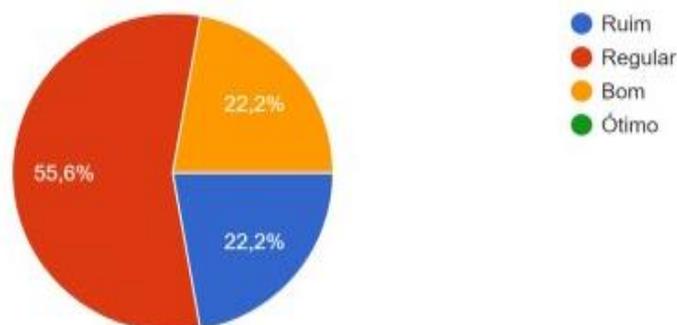
Os professores precisam estar atentos para as particularidades de seu grupo, em que o objetivo maior é a alfabetização, porém sabem que muitas dificuldades podem surgir e, dentre elas a dislexia é a que interfere de maneira substancial na aquisição da leitura e da escrita.

Diagnosticando os sintomas relativos à dislexia, o professor deve sugerir um encaminhamento clínico para a criança e, depois de diagnosticado que existe realmente o transtorno de aprendizagem, é necessário que ele se dedique muito ao aluno em sala de aula e ao longo do tratamento, buscando envolver em partes iguais a escola, a família e profissionais da saúde (Perrenoud, 2020).

A segunda pergunta dizia: Os recursos dados são suficientes para a melhor assistência ao aluno e ao professor?

Figura 1 – Gráfico 01

Os recursos dados são suficientes para a melhor assistência ao aluno e ao professor?
9 respostas



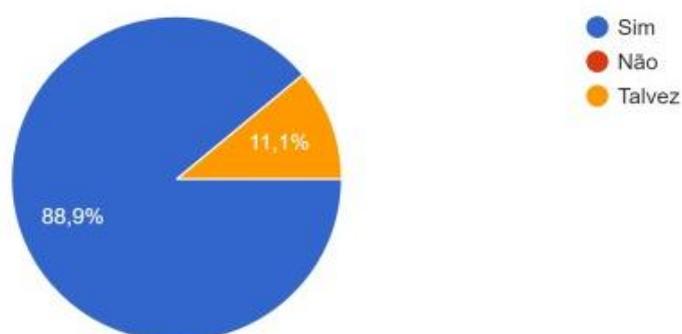
Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Conforme Farrell (2014, p. 77), “para que o acesso ao conhecimento seja oportunizado e a garantia de inclusão seja efetiva, os professores necessitam de uma formação, isto é, conhecerem os recursos disponíveis na promoção de uma sala de aula voltada para a individualidade dos alunos”. Isso significa que precisamos de recursos, seja qual for para se dar uma qualidade de ensino melhor aos disléxicos.

A terceira pergunta trazia a seguinte indagação: Os recursos lúdicos auxiliam no ensino-aprendizagem do aluno-disléxico?

Figura 2 – Gráfico 02

Recursos lúdicos auxiliam no ensino-aprendizagem do aluno disléxico?
9 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

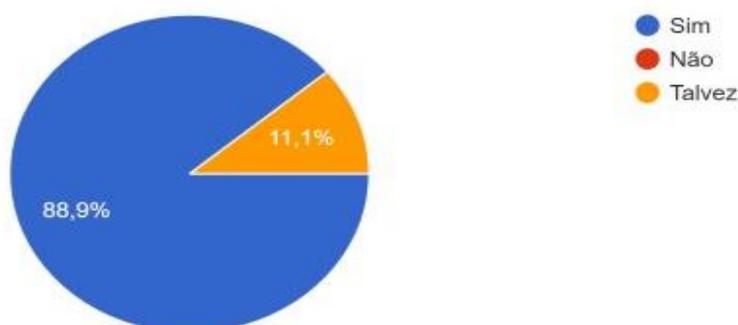
Para Brougère (2018, p. 184), o lugar dos jogos livres em relação aos jogos dirigidos varia muito de uma para outra. Os membros do estabelecimento organizam atividades dirigidas, trabalhos manuais, por exemplo, em função de seus interesses e competências.

Brougère (2018) menciona sobre os jogos livres em relação com jogos os dirigidos, ele diz que ambiente é escolhido de acordo com a instituição, não é uma regra definida, mas que deve ser realizado em relação aos interesses da mesma, principalmente com os alunos disléxicos.

A quarta apresenta a seguinte pergunta: Qual seu nível de conhecimento sobre a problemática em si?

Figura 3 – Gráfico 03

Recursos lúdicos auxiliam no ensino-aprendizagem do aluno disléxico?
9 respostas



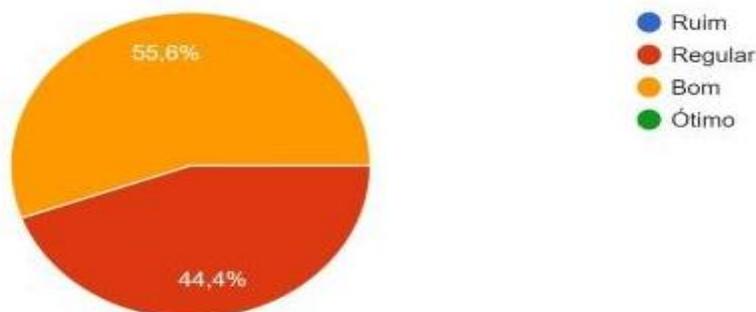
Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O professor que está empenhado no bom desenvolvimento dos alunos através do trabalho pedagógico que desenvolve, por meio da relação afetiva com os alunos. Essa relação, que os pequenos participam prazerosamente com às atividades e, que admitem que sejam guiados por caminhos desconhecidos, os conteúdos e os novos conhecimentos (Nóvoa, 2015).

A quinta diz: Você acredita que o grau de conhecimento sobre a problemática ajuda a preparar melhor para as aulas?

Figura 4 – Gráfico 04

Qual o seu nível conhecimento sobre a problemática em si?
9 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Segundo Ribeiro (2018, p. 49), quando o professor recebe um aluno disléxico em sala de aula, antes de tudo ele deve estar ciente de que é um aluno inteligente e capaz de aprender. O educador deve primeiro focar nos métodos de ensino e aprendizagem multissensoriais, tendo em mente que os alunos com esse transtorno aprendem melhor por meio de diferentes modalidades sensoriais

Conclusões

Pode-se observar durante a pesquisa bibliográfica realizada, que o processo de aprendizagem não é um fenômeno simples, muito pelo contrário, é um processo complexo.

A cada instante os educadores são pegos de surpresas com as eventualidades que ocorrem nos processos de aprendizagem, pois as diversas situações são observadas e, visto que os procedimentos da construção do conhecimento têm se tornado mais notório no ensino fundamental I e II, onde o aluno se encontra no processo de aprendizagem e de buscar novos conhecimentos para si, ou seja, algo diferente como: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a conhecer.

Faz-se necessário que todos que os envolvidos na dinâmica da aprendizagem tenham consciência de que uma criança a qualquer momento possa apresentar problemas nesse transcorrer. Se não forem devidamente cuidados esses problemas e reparados, poderão perder anos de sua vida e, não serem mais recuperados. A intervenção precoce é fundamental na recuperação dos leitores disléxicos. Alguns sinais podem indicar as futuras dificuldades que possam existir. E, se forem observados pelos pais e/ou professores, devem

procurar uma avaliação especializada para que façam uma intervenção e um acompanhamento que venha ajudá-lo.

Não só a família como a escola precisam ficar atentos aos sinais que apontem os futuros problemas para serem solucionados. A formação do docente é necessária para que ele tenha um conhecimento prévio e, faça o diagnóstico e as intervenções pedagógicas. Ensinar criança com distúrbios de aprendizagem é preciso conhecer os processos educacionais e, estar aberto para o trabalho com as diferenças, ou seja, tem que se doar.

O que não pode acontecer é de chamar de dislexia toda e qualquer dificuldade ligada à leitura e/ou a escrita. Dificuldade de aprendizagem que podem ter por base problemas emocionais, algum déficit auditivo, um déficit visual, ou uma inadaptação ao método pedagógico, e/ou ainda possíveis falhas no processo de alfabetização causadas por má prática pedagógica. Metodologia inadequada também causam danos no processo de aprendizagem.

É importante saber que os efeitos da dislexia vão além do corpo e da inteligência e, afetam sentimentos a família, as relações de amizade, os ideais de vida. Ao sofrer constantes discriminações, as crianças disléxicas, perdem a confiança em si próprias, o que gera uma baixa autoestima. Daí a importância do papel do professor como coautor no processo educativo.

Referências

1. BARROS, Paes de Jesus; JESUS, Aidil de; LHFELD, Aparecida de Souza. **Metodologia da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
2. BAUREN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2020.
3. CAPOVILLA, A. G. S. **Dislexia do desenvolvimento: definição, intervenção e prevenção**. 20 ed. São Paulo; Cortez, 2015
4. COLL, C. J. TEBEROSKI, A. **Aprendendo português**. São Paulo: Ática, 2020.
5. FARRELL, M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
6. IANHEZ, Maria Eugênia e NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Elsevier, 2012
7. MALUF, M. I. **Afinal o que é dislexia?** 2ª ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 2017

8. MATTAR, Rosilda Baron. **Metodologia científica: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Juruá, 2011.
9. NICO, M. A. **Métodos de alfabetização e a dislexia**. 3ª ed, Minas Gerais: Artes Médicas, 2014.
10. NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto/PT: Porto, 2015.
11. PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2020.
12. SILVA, M. F. M. C. **Dificuldades de aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2015.
13. SOUZA, Maria Helena de; MARTINS, Maria Aurora Mendes, **Psicologia do desenvolvimento**. Curitiba: IESDE, 2013
14. RIBEIRO, Pauline Lee. **A criança disléxica e a escola**. 2018. Monografia (pós-graduação em educação especial) sobre educação Paula Frassinetti, Oporto, 2008, p. 49.
15. ROTTA, Newra Tellecha. [et al.]. **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2016.